

Inauguração e Benção da Fonte de Santa Bárbara

O Percurso Norte da **Rota do Românico do Vale do Sousa** começa com a visita ao Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, um dos 21 monumentos que integram esta Rota, projecto emblemático da Comunidade Urbana do Vale do Sousa, que Felgueiras soube acolher e promover.

Todos os monumentos sofreram melhoramentos que salientaram as características peculiares que fazem de cada um, um monumento especial.

O Mosteiro de Pombeiro é uma jóia que o tempo desgastou, mas cujas arestas as sucessivas intervenções efectuadas, motivadas pela Campanha salvar Pombeiro,

têm polido e um novo brilho vai surgindo. Presentemente, aposta-se na **requalificação do adro do Mosteiro**, sala de visitas do vale, que acolherá o visitante e emoldurará a monumentalidade do mosteiro.

Neste espaço, recupera-se a Fonte centenária de Santa Bárbara que embelezava a Via Sacra e saciava a sede ao caminhante e, quiçá, ao peregrino de Santiago de Compostela que visitava Pombeiro antes do destino final.

Hoje, a Fonte retoma as suas funções e a sua traça original é restituída, constituindo ela própria um monumento rico do nosso património que importa preservar, conhecer e divulgar porque nos orgulhamos do que é nosso.

A Fonte de Santa Bárbara no Terreiro do Mosteiro de Santa Maria Maior de Pombeiro

Marcelo Mendes Pinto *

A fonte de Santa Bárbara, há muitos anos desactivada, encontra-se inserida no muro de contenção de terras que delimita a E. M. 1160 do seu lado esquerdo, no sentido norte-sul, logo à entrada do antigo terreiro do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro.

O terreiro, hoje em dia com uma topografia totalmente alterada, está a ser palco de grandes obras nas quais se pretendeu repôr o que teria sido o seu estado no século XVIII, segundo a descrição que Francisco Xavier Craesbeeck nos deixou nas suas “Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no Ano de 1726”.

O muro onde a Fonte está inserida contém as terras que fazem parte de um campo, a cota

mais alta, de uma pequena quinta particular, outrora parte integrante da cerca do Mosteiro e onde se situava o seu Pomar.

São os “Estados de Pombeiro”, relatórios trienais elaborados pelos respectivos Abades, juntamente com a obra de Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, as melhores fontes para a recolha de dados sobre o Mosteiro de Pombeiro nos finais da Época Moderna e durante a Época Contemporânea, e nas quais podemos seguir quase a par e passo a vida do Mosteiro entre 1629 e 1810. O Mosteiro era então um grande centro de produção agrícola e, além dos 29 monges que albergou na segunda metade do século XVIII, congregou à sua volta uma população cada vez maior, que interagiu com o próprio Mosteiro. Daí as preocupações que os monges tinham com essa

mesma população que envolvia o Mosteiro, e que levam a que se possa ler no “Estado” de 1754, que “...na entrada do terreiro se fez uma fonte com utilidade para o povo cuja água cai de uma carranca em uma pia de pedra bem lavrada, e, na frente, em um nicho, se lhe pôs de pedra uma imagem de Santa Bárbara.” Quem era Santa Bárbara?

Santa Bárbara, cujo dia se comemorava no Hagiolégio a 4 de Dezembro, era filha de um alto dignitário romano, Dióscoro, e terá nascido em Nicomédia, na Ásia Menor. Segundo a história, terá sido fechada numa torre com apenas duas janelas pelo pai, que pretendia evitar, com a sua reclusão, que ela se convertesse ao Cristianismo. Porém, um padre disfarçado de médico tê-la-á convertido e baptizado. Bárbara, para manifestar a sua fé na SS. Trindade, abriu uma terceira janela na torre onde estava encerrada. Descoberta a sua conversão, foi perseguida, presa e depois constringida a abjurar para se casar com um pagão. Recusou-se e foi entregue ao juiz Marciano, que a fez passar suplícios horríveis. Finalmente, o seu pai tê-la-á mandado decapitar. O castigo de Deus foi imediato e o pai foi fulminado por um raio.

Santa Bárbara é normalmente invocada contra as trovoadas, os raios e os azares das armas de fogo, sendo ainda padroeira dos fogueteiros, dos pedreiros e dos arquitectos.

Havia uma imagem de Santa Bárbara na Igreja do Mosteiro – que ainda hoje se lá encontra, em altar do lado direito, depois do coro-alto -, e devia ser popular a devoção à virgem mártir. Além disso, a colocação da Fonte à entrada do terreiro era estratégica, uma vez que estava mesmo ao lado da estrada que ligava a Guimarães e a Amarante, fazendo parte do chamado Caminho de Santiago, por onde os peregrinos alcançavam Compostela.

O melhoramento introduzido pelos monges de Pombeiro em 1754 foi reformulado oito anos mais tarde, pois no “Estado” de 1762 pode ler-se “...encanou-se a água que desce a

Fonte de Santa Bárbara, no terreiro, e se lhe fez calçada para comodidade do povo, e foi esta uma obra de muita caridade para os fatigados caminantes”. Mais tarde, em 1789, aparece uma outra referência, pois pode ler-se “.... se encarnou a Santa Bárbara do terreiro”, o que pode ter duas leituras: a primeira, numa linguagem de santeiro, isto é, de fazedor ou escultor de imagens de santos, pode significar o acto de abrir as feições, de “encarnar”, dar o aspecto real da cor da carne, na face e mãos da Santa. Mas a segunda leitura pode ser arquitectónica, referindo-se de uma forma figurada ao estucamento de um painel-retábulo, encimado por um frontão de cariz neo-clássico, onde se inseria o nicho com a imagem da Santa, ladeado de molduras pintadas a ocre e a vermelho, que simulavam o retábulo de um altar cuja mesa era a larga pia para onde jorrava a água de uma carranca em granito. Esta água era conduzida através de uma canalização em pedra que abastecia a Fonte e provinha da mãe-de-água, que se localizava por cima do Mosteiro. Foi ainda possível ver na parede o terminal dessa primitiva canalização, em pedra, terminal esse que ligava à boca da carranca por onde caía a água para pia.

Para evitar a formação de lamas, uma vez que durante os primeiros tempos a água escorreria livremente da pia para o chão, foi decidido pelos monges construir uma calçada à volta da Fonte, lajeando-a, e nesse lajeado foi aberto um esgoto que levava a água corrente até à berma da estrada, de onde era conduzida até ao ribeiro que passa um pouco mais abaixo. Todos estes elementos foram confirmados através da escavação arqueológica que se efectuou no âmbito da requalificação do Terreiro e do Adro do Mosteiro de Pombeiro.

A fonte de Santa Bárbara era, pois, uma obra cuidada, considerada à época um melhoramento em prol do povo da freguesia.

.....
* Arqueólogo



SANTA BÁRBARA nasceu em Nicomédia, na Ásia Menor, pertencendo a uma família de certa posição social. Às ocultas dos pais, fanáticos pagãos, conseguiu instruir-se na religião cristã. Devia ter tido especiais dotes de beleza e inteligência, porque seu pai, Dióscoro, depositava nela as mais raras esperanças em vista de um casamento honroso. Mas Bárbara apresentava indiferença às solicitações do pai, até que este descobriu sua condição de cristã. Ficou, então, furioso e seu amor paterno se transformou em ódio desumano. Ameaçou-a com torturas e, finalmente, denunciou-a ao prefeito da província, Martiniano.

O coração da Jovem Bárbara sentia-se dilacerado entre amores opostos: o dos pais de uma parte e o de Cristo, amor supremo. Verificou-se nela a palavra do Divino Mestre: "Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Eu vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, e os inimigos do homem serão as pessoas da própria casa" (Mt. 10,34-36).

Bárbara suportou o processo com firmeza e altivez cristã, protestando sua fidelidade a Cristo, a quem tinha consagrado sua virgindade. Era o tempo do imperador Maximiano, nos primeiros anos do século IV. O juiz, vendo a obstinação da jovem cristã em professar a fé, mandou aplicar-lhe cruéis torturas, mas suas feridas sempre apareciam curadas. Pronunciou, então, sua sentença de morte.

O próprio pai, Dióscoro, furioso em seu cego paganismo, decepcionado em seus interesses, num excesso de barbárie, prontificou-se para executar a sentença: atirou-se contra a filha, que se colocou de joelhos em atitude de oração, e lhe decepou a cabeça. Logo após ter praticado seu hediondo crime, desencadeou-se formidável tempestade e o pai, atingido por um raio, caiu morto.

O culto de veneração desta santa do Oriente passou para o Ocidente, sobretudo, Roma, onde desde o século VII se multiplicaram as igrejas e oratórios dedicados a seu nome.

Esta santa é invocada, sobretudo, como protectora contra a morte trágica e contra os perigos de explosões, de raios e tempestades, sendo padroeira dos mineiros, pedreiros, arquitectos, artilheiros, fogueteiros, guardas prisionais, prisioneiros ...